

Intuições Milanesas II

Jacques-Alain Miller

Dedicaremos essa reunião ao inconsciente político sobre o qual o movimento da história nos fez tropeçar, interrompendo o laborioso estudo da contratransferência que havíamos começado¹.

Prosseguirei com as reflexões que comuniquei a vocês na última vez. A fórmula "O inconsciente é a política", que então desenvolvi, foi como uma pedra n'água - ou seja, ela propaga ondas tanto na prática como na teoria, embora "teoria" seja aqui uma grande palavra que coloco entre aspas.

A realidade colocada em cena pela estrutura

A teoria, quando se tenta produzi-la - a teoria atualmente - não passa, pelo menos na psicanálise, de um atalho, de uma via que se transpõe para tentar alcançar o que já ocorreu e que avança sozinho. Teoria e prática em psicanálise não são simétricas ou paralelas. Há na psicanálise, é preciso constatar, um atraso da teoria que não é contingente, que não é acidental, mas que é sem dúvida de estrutura, pelo menos no que concerne à elaboração. E essa elaboração está certamente em tensão com o próprio saber que se trata de elaborar, um saber que deveria exprimir a realidade, realizando-se segundo uma ordem necessária, conforme a proposição 7 do livro II da *Ética* de Espinosa: *Ordo et conexio idearum* - a ordem e a conexão das coisas.

Trata-se de uma proposição essencial, o próprio ideal que anima o estruturalismo de Lacan, com a condição de fazer com que a ordem e a conexão dos significantes

substituam a ordem e a conexão das ideias. Trata-se do que Lacan designava como a combinatória pura e simples do significante. Essa combinatória presumidamente definia as relações de necessidade, as quais se encontravam na realidade. Eis a concepção de saber que deve regular nossos esforços, porque ela não é uma representação da realidade, mas se pretende idêntica ao próprio princípio de sua produção, de sua *Wirklichkeit*.

Nessa concepção, a estrutura não é nem uma descrição ordenada da realidade, nem um modelo teórico elaborado longe da experiência. Vejam sobre isso o texto clássico, para nós, que constitui a crítica de Lagache por Lacan, na página 655 dos *Escritos*. Lacan pretende superar a diferença, a oposição, a contradição, que ele chama de antinomia, entre essas duas concepções da estrutura como descrição e como modelo, introduzindo um terceiro modo da estrutura em que esta se produz na própria realidade e determina seus efeitos. Em Lacan, esses efeitos são efeitos de verdade, efeitos de gozo, efeitos de sujeito, e a própria verdade é um efeito, assim como o gozo e igualmente o sujeito.

É nessa direção que é preciso entender a proposição de Lacan que está nessa página, segundo a qual a estrutura opera na experiência - já me ocorreu citar essa fórmula, válida especialmente na data em que Lacan a emitiu para a fantasia - "como a máquina original que coloca em cena o sujeito". Expliquemos esses termos. Máquina é uma palavra que designa uma articulação significante, combinatória e determinista, cujas variações são rigorosamente condicionadas. Alguns anos mais tarde, Lacan dará sobre isso um exemplo de referência em seu ciclo dos quatro discursos. Colocação em cena do sujeito quer dizer, de fato, que a máquina combinatória está nos bastidores, que ela não se dá a ver, que está escondida, o que faz crer que está distante. Estar escondida supõe que escapa a toda

fenomenologia descritiva, que não basta deixar ser o que é, para chegar a ela. A expressão "colocação em cena do sujeito" comporta uma ambiguidade que repercute a própria divisão do sujeito. Isso significa que o sujeito é colocado em cena, ele é ator, não é o diretor e ao mesmo tempo é espectador; a realidade é para ele colocação em cena pela estrutura.

O que acrescenta a essa articulação qualificar essa máquina de original? Sem dúvida Lacan entende com isso que ela não deriva de nada anterior, mas no sentido propriamente genético, que ele critica nessa página, e não no sentido combinatório. Original também quer dizer única. Essa máquina é particular a cada sujeito, e deve ser reconstituída na experiência analítica para cada sujeito. Mas seria sem dúvida abusivo limitar a validade ou a inspiração dessa proposição à experiência analítica *strictu sensu*, porque o sujeito não é o indivíduo. Aliás Lacan, por exemplo, fala do sujeito da ciência e podemos muito bem considerar que a enfermidade analisada por Freud visa o sujeito da civilização.

É com isso que temos a ver quando somos alertados como o fomos recentemente. Percebemos que temos a ver com a máquina original que coloca em cena o sujeito da civilização no momento atual, e que isso também condiciona a experiência analítica. Eis o que se delineia de uma ambição sempre retomada, esboçada, de recompor essa máquina original, a partir do que nos é dado de seus efeitos.

O inconsciente provém do laço social

É preciso que eu especifique um ponto sobre o que evoquei na última vez quando citei uma proposição de Lacan a partir de uma citação sua: "Não digo 'a política é o inconsciente', mas simplesmente 'o inconsciente é a política'". Indiquei que essa proposição fora extraída de

"A lógica da fantasia" e eu a havia citado sem me reportar à estenografia, o que fiz logo após. Antes de prosseguir, gostaria de acrescentar algumas considerações sobre esse ponto. Inicialmente, porque encontramos na estenografia a fórmula "a inconsciência é a política". Mas sou partidário de corrigir essa estenografia e compreender "o inconsciente é a política".

A passagem que retomei se inscreve em uma frase que eu gostaria de relatar mais precisamente. Eis o que dizia Lacan: "Se Freud escreveu em algum lugar 'a anatomia é o destino', talvez haja um momento em que, quando voltarmos a uma percepção sadia do que Freud nos revelou, diremos: 'não é bem isso que digo', etc." Esse complemento revela que a matriz da proposição de Lacan é realmente uma fórmula de Freud, e que Lacan opõe o que Freud disse repetindo o imperador Napoleão ao que Freud nos revelou, ou seja, o que Freud realmente disse. A inspiração de todo o ensino de Lacan está ali concentrada. O que Freud realmente disse não é que a anatomia é o destino. Não é ao corpo anatômico que Freud remete para tentar explicar a diferença subjetiva da sexuação. Aliás, a anatomia não determina nem mesmo a histeria, pois, como Lacan observa em "Televisão", a conversação histórica não obedece à partilha anatômica.

Ao lado do corpo anatômico, seria possível colocar em questão o corpo vivo, distingui-lo dele. Sobre o corpo vivo, na medida em que ele fala e que a palavra condiciona seu gozo, talvez fosse possível dizer que ele faz o destino. Mas nessa passagem do seu Seminário, Lacan realiza um deslocamento de "a anatomia é o destino" para "o inconsciente é a política". E o explica: "O que liga os homens entre eles, o que os opõe, deve ser motivado pela lógica que tentamos articular" - e naquele tempo, se tratava da lógica da fantasia. "O inconsciente é a política" provém do que liga e opõe "os homens" - entre aspas - entre eles, ou seja, o inconsciente provém do laço

social. Essa é a concepção que matemizará o ciclo dos discursos, alguns anos mais tarde, no ensino de Lacan.

O inconsciente provém do laço social - introduzamos essa glosa - justamente porque a relação sexual não existe. Seria possível chegar a dizer que onde a relação sexual é programada, pois bem, não há sociedade.

Certamente ficamos encantados em sonhar com a sociedade das abelhas, com a sociedade das formigas. Maeterlinck, quando não fazia sonhar com Pelléas e Mélisande, nos encantava em nossa infância descrevendo essas sociedades que nos ofereciam uma utopia, justamente porque eram, porque são - o que elas eram e o que elas são é justamente a mesma coisa - sociedades sem política. As sociedades sem política é que nos são oferecidas como utopias. Seria possível dizer que as teocracias tentaram realizar uma sociedade sem política ou ainda que o estruturalismo etnológico nos apresentou sociedades munidas de estruturas elementares de parentesco, apolíticas por essa razão, o que mais tarde foi contestado.

Atualmente não parece abusivo afirmar que não há sociedade sem política e que, correlativamente, o inconsciente é político. Trata-se do que Lacan elaborava naqueles anos. Após ter mostrado que o inconsciente se produz na relação do sujeito com o Outro ele passou a demonstrar que ele se produz na relação com o Outro sexo, encontrando precisamente nesse caminho a ausência da relação sexual e a interposição do objeto a.

O "ser rejeitado" e a demanda política do Outro

Essa proposição de Lacan - para ser um pouco mais completo - se inscreve em seu Seminário durante uma reflexão sobre a fórmula "ser rejeitado", "ser recusado", a partir das considerações sobre o masoquismo que tomou emprestado da obra de Bergler *A neurose de base*. Bergler

introduz esse estatuto do sujeito, o "ser rejeitado", a propósito da fase oral e baseia o "ser rejeitado" - que seria o princípio do comportamento, da atitude de certos sujeitos -, em um "ser rejeitado pela mãe": o desejo masoquista que o sujeito criaria para si, no nível da pulsão oral, que lhe permitiria se apiedar dessa injustiça e gozar dela. Ele próprio fomentaria seu "ser rejeitado" para gozar disso. "Ser recusado", que seria o motivo da queixa do sujeito, seria motivado pelo desejo de se salvar da devoração pela parceira materna. Isso foi o que atraiu na época a atenção de Lacan, esse gozar da injustiça, no qual descobre também uma hostilidade de Bergler em relação aos seus pacientes, por ele acusados de colecionar injustiças para delas se queixarem - o que na fenomenologia não é absurdo.

No próprio movimento de produzir a fórmula "o inconsciente é a política", Lacan faz a Bergler uma objeção fundamental, que situa muito bem a posição política que ele sustentou e animou em seu ensino, a saber: mas por que então ele precisaria ser mais aceito do que rejeitado? Por que precisaria fazer o que era necessário para ser aceito? Por acaso a mesa em que se desejaria ser aceito seria sempre benéfica? O que está por trás é a metáfora do *Banquete* e daqueles que não são aceitos em seu festim. Isso situa bem a posição de subversão de Lacan que, é preciso reconhecer, permanece atual.

A atualidade, na época, era a que se desenvolvia em certo pequeno distrito do sudoeste da Ásia, a guerra do Vietnã. Lacan colocava a questão dessa maneira - que repercute e pode repercutir ainda hoje, quando a Ásia foi sem dúvida sendo pouco a pouco regularizada, mas outra zona do planeta, ainda não! -: "Trata-se de convencê-los de que estão errados em não quererem ser admitidos nos benefícios do capitalismo". Estamos diante do fato de que, na época, eles preferiram ser rejeitados. Por isso Lacan propõe que

se interrogue certas significações - especialmente a significação "ser rejeitado" -, e seguindo esse caminho ele chega, sem desenvolvê-lo, ao "o inconsciente é a política".

O que ele acrescenta, em sua brevidade, no entanto capaz de repercutir um pouco para nós, é que só somos rejeitados se nos oferecemos para isso. Isso o levou a considerar como chave da posição neurótica a estreita relação do sujeito com a demanda do Outro. Em relação a essa demanda, podemos supor que há, para o neurótico, diz ele, "necessidade e talvez benefício em ser rejeitado". Mais tarde, talvez Lacan tivesse dito: gozo em ser rejeitado. Isso comporta uma indicação clínica muito precisa: é preciso pensar duas vezes antes de ter por ambição forçar um sujeito a não ser rejeitado, antes de considerar que o melhor que poderia lhe acontecer é ser aceito no banquete dos outros.

Lacan indica que proceder assim, ter o preconceito de que é melhor ser admitido naquilo que se considera benefício, pautar nisso a operação analítica, pode dar ao analista uma função persecutória. Trata-se antes de parar de dar esse valor excessivo ao que o analista acreditaria ser o princípio de realidade, do que considerar como válido o desejo de ser rejeitado - ou seja, de não se submeter à demanda do Outro.

Isso é também indicativo para o momento atual da civilização, no qual o que está tão presente não é o desejo do Outro, mas a insistência de sua demanda política nas vertentes da democracia e do mercado, considerados como valores aos quais o seu bem está atrelado. De tal forma que se torna incompreensível, até mesmo monstruoso, o que se apresenta como uma preferência, a preferência por ser rejeitado da ordem desses benefícios. Isso indica em todo caso uma posição de reserva para o analista, tendo em vista esses significantes-mestres da demanda propriamente política do Outro. Eis o que eu gostaria de modular, de

juntar ao que eu havia associado na última vez à proposição de Lacan, confiando na citação que pesquei de outro autor.

A depreciação da psicanálise

Eu estava em minha oitava reflexão sobre a depreciação da psicanálise. Havia anunciado o recurso que eu poderia encontrar na obra *The Future of Success* de Robert Reich, economista político que se inscreve na linha dos ensaístas que destacaram o narcisismo social na época da globalização - o primeiro, nos anos 80, foi Christopher Lasch e sua *Cultura do narcisismo*. Sua ideia é que o anonimato de massa entra em contradição com o desejo de celebridade induzido pelo objeto *mass media* - daí a grande questão de como atrair a atenção. "Como atrair a atenção?" é uma interrogação que está presente nas motivações que se pode conhecer do recente matador de Nanterre. Ele encontrava em seu ato a ocasião para realizar o propósito de Warhol, "quinze minutos de fama", conseguir ao menos uma vez ter seu nome na televisão e nos jornais.

A ideia de Robert Reich é que há uma economia da atenção, uma demanda de atenção e uma oferta de atenção, portanto um mercado da atenção artificial. É nesse registro que ele inscreve a psicanálise, inclusive o que aponta para sua crescente difusão nos Estados Unidos, porque, no ponto em que está, não importa a diferença entre a psicanálise, a psicoterapia e qualquer forma psi. Ele engloba o desenvolvimento de um setor inteiro de atividades especializadas no serviço da atenção. O que lhe permite criar uma categoria em que também estão presentes os professores particulares de ginástica - *personal trainers* - , aqueles que fazem as compras em seu lugar porque você não tem tempo - os *personal shoppers* - e todos os conselheiros espirituais, psicológicos. Ele isola o setor dos doadores

de atenção, os *attention givers*, entre os quais ele inscreve também o empregado doméstico, as *baby-sitters*, etc. É como economista que ele cria essa categoria e aponta que, com os trabalhadores criativos, esse é um dos dois setores que mais crescem na sociedade atual. Profetiza que, no futuro, pelo menos nos Estados-Unidos - mas para ele os Estados-Unidos preveem o futuro das sociedades menos desenvolvidas que eles - se não se tem o que é necessário para ser um trabalhador criativo, é provável que cada vez mais se acabe trabalhando no setor de atendimento especializado. Ele diz: Os seus filhos, se não forem criadores, inovadores, acabarão ocupando esse setor, que é promissor, mas ao mesmo tempo condenado à desqualificação. Se a economia cresce essencialmente em dois setores, os criadores e os doadores de atenção, estes últimos são os que não chegam a entrar no outro setor. Esse também cresce, mas na vertente de uma desqualificação crescente. Poderíamos, entretanto, nos tranquilizar com o fato dele colocar os psicanalistas e os psicólogos entre os trabalhadores de alta qualificação, mas ele os inscreve na mesma categoria que os mordomos e os *baby-sitters*.

Essa análise não é malévola, ela não visa essencialmente a psicanálise. Trata-se de um estudo das novas condições do trabalho no quadro da nova economia - aliás, ele precede de alguns meses a bolha furada da nova economia. É tão mais precioso por não ser polêmico. Isso produz um sentimento de depreciação da psicanálise pelo fato dela não ser apreendida a partir de um desejo de verdade, mas de uma demanda de atenção pessoal. Trata-se de uma depreciação, mas ao mesmo tempo sabemos que alguma coisa se modificou na dinâmica clássica do tratamento analítico. Essa é a modificação que é conceitualizada, à sua maneira, por Robert Reich. Não se trata certamente da verdade última da psicanálise, mas é feita para relativizar a atenção que damos às diferenciações internas finas que

fragmentam o meio analítico e que desaparecem sob o olhar do economista. Eis a bandeira sob a qual o ato analítico está localizado. É espantoso que, nessa classificação, a atividade do psicanalista, do psicoterapeuta ou do psicólogo apareça como mais próxima do *baby-sitting* do que da medicina. Há, no entanto, um pequeno efeito de verdade que ali surge apesar das reservas que podemos, naturalmente, ter a respeito dessa classificação.

A máquina do não-todo

Nona reflexão - eu a chamaria assim -, as bolhas de certeza. Continuemos a lançar sobre nós mesmos esse olhar que nos torna exóticos para nós mesmos. Trata-se sem dúvida da fenomenologia social, mas é certamente a partir desses elementos que devemos tentar reconstituir a máquina original da civilização contemporânea.

O pai. Podemos ver tudo o que ainda atrela a psicanálise ao mito do pai e que a sociedade, em modificação na época da globalização, deixou de viver sob o reinado do pai. Em nossa própria linguagem, dizemos que a estrutura do todo cedeu à do não-todo: a estrutura do não-todo comporta precisamente que não exista mais nada que faça barreira, que esteja na posição do interdito. O interdito parece estar em contradição com o movimento do não-todo. A estrutura do não-todo é o que é descrito no nível social e político por Antonio Negri como *impero*, como o império que se desenvolve precisamente sem encontrar limites. Trata-se do que corresponde para nós à estrutura do não-todo, deportada ao nível do que não se pode mais chamar de organização social.

Não é de se espantar que encontremos aqui o não-todo: esse não-todo foi introduzido por Lacan em seu escrito "O aturdido", no qual ele responde precisamente ao *Antiédipo* de Deleuze e Guattari - como demonstra o final desse texto

- reconceitualizando o que esses autores haviam tentado captar. A função do pai está efetivamente ligada à estrutura que Lacan reconheceu na sexuação masculina. Uma estrutura que comporta um todo dotado de um elemento suplementar e antinômico que limita, que permite precisamente ao todo se constituir como tal, que limita e por isso permite organização e estabilidade. Essa estrutura é a própria matriz da relação hierárquica.

O não-todo não é um todo que comporta uma falta, mas pelo contrário uma série em desenvolvimento, sem limite e sem totalização. Por isso o termo globalização é para nós vacilante, porque se trata precisamente de que não há mais todo e que, no processo atual, aquilo que faz todo e o que limita está ameaçado, vacila. O que chamamos de globalização é um processo de destotalização que põe à prova todas as estruturas "totalitárias" (entre aspas). Trata-se de um processo em que nenhum elemento é munido de um atributo que lhe seria assegurado por princípio e para sempre. Não se tem a segurança do atributo, mas seus atributos, suas propriedades, suas aquisições são precárias. O não-todo comporta a precariedade como elemento.

Vemos, de fato, todos os dias o que era o respeito à tradição ceder diante da atração pelo novo e esse fenômeno, abundantemente descrito, é para nós colocado em cena pela máquina do não-todo. Um exemplo gritante, pelo menos para aqueles que estão ao corrente da coisa, é o verdadeiro martírio da igreja católica nos Estados Unidos. Vimos um cardeal, um príncipe da Igreja, intimado a comparecer ao tribunal e responder perguntas - perguntas à americana, das quais se tem uma noção pelos romances policiais de Erle Stanley Gardner ou de Perry Mason. Vocês sabem como se fazem perguntas. Não se deve fazer alusões, não se faz discursos, não se pede discursos, colocam-se pequenas questões factuais que se encadeiam umas às outras. Deve-se

responder exatamente o que está sendo perguntado com um sim ou um não, e então o outro te leva no papo. Pois bem, o cardeal Law, o bem-afamado de Boston, há quinze dias atrás teve que responder a esse questionário. Encontrei na Internet o conjunto desse interrogatório totalmente perturbador para aqueles que têm um apego à tradição. E a audácia de exigir da Igreja católica transparência nessas operações, e a desconfiança despertada, inclusive nos católicos americanos, quanto ao papel que desempenha entre eles um potentado que habita um estado microscópico dentro da Itália. Eis um sinal dos tempos em que é possível ver práticas multiseculares, cercadas de um respeito universal, serem hoje em dia estritamente indecifráveis e repelidas, rejeitadas pelo pensamento da época.

Quanto a isso sentimos que há uma máquina original colocando em cena peças totalmente inéditas como a do cardeal Law respondendo humildemente às perguntas do procurador, como: nome, sobrenome, explique-nos o que é um cardeal, explique-nos o que é uma diocese, etc. Ainda não chegamos aí na velha Europa, mas eis o que se anuncia de irresistível nessa máquina original.

Por um curto-circuito, admitir que a máquina que coloca em cena o que chamamos globalização é o não-todo corresponde, para Lacan, que o reporta à sexuação feminina, a dizer que é possível relacionar essa estrutura ao que se observa da ascensão dos valores ditos femininos na sociedade, dos valores compassivos, da promoção da atitude de escuta, da política da proximidade, que devem daí em diante afetar os dirigentes políticos. O espetáculo do mundo talvez se torne decifrável, mais decifrável se o relacionarmos à máquina do não-todo.

Evidentemente, a escuta como política só é proposta em um quadro de ausência de resposta. A própria escuta se torna resposta no silêncio do mestre. Esse é o uso político da comunicação intersubjetiva: vocês jamais receberão outra

mensagem a não ser a que vocês endereçaram. É também o que faz com que se aflijam com o elemento tradicional, esse que já se fazia notar a meio século, ou seja, que o viril está ameaçado e é possível observar, pelo menos nas sociedades desenvolvidas, certa dificuldade popular dos *vai-à-guerra*. É certamente correlativo de um apelo à autoridade, ao retorno à ordem, de um apelo desesperado ao reino do significante-mestre que está prestes a se abolir. Em todo caso, é possível observar a tensão entre o funcionamento da máquina do não-todo, que exacerba a nostalgia do significante-mestre, e esse apelo ao significante-mestre, tão exacerbado que aparece como destacado do resto, e tão insistente que aparece claramente como suplementar.

No não-todo social, pelo contrário, o significante não nos chega através de blocos organizados, mas tende a se apresentar a nós por fragmentos descontínuos, como por exemplo, por informações imediatas. Quando se descreve o momento atual, fala-se de bombardeamento de informações – assim os americanos estudam a *information overload*, a sobrecarga de informações. O que chamamos informação é a maneira com que o significante chega a vocês, não mais organizado, mas descontínuo, essencialmente fragmentário, com um esforço para tentar lhe acrescentar uma organização que está o tempo todo prestes a se desfazer. Daí decorre o que mesmo Robert Reich pode situar como uma patologia da desorientação.

O S_1 pluralizado e o sujeito sem referência

Por isso os sociólogos isolaram, diante da *overdose* de informação, estratégias subjetivas que consistem em se ensimesmar em zonas limitadas de certeza. Descritivamente, é bastante forte – já fora anunciado pela promoção do pós-moderno por Liotard, que generalizou esse conceito. Ele o havia outrora caracterizado pela desestruturação dos

grandes filtros de saber, ou seja, as tradições, as autoridades consagradas, o que ele chamava de metanarrativas, os estereótipos: inúmeras organizações do significante, formas diversas do discurso do mestre, que tinham o mérito de realizar uma simplificação e uma formalização da realidade, de difundir modelos de coerência, modelos de comportamentos coerentes sob a autoridade de instâncias habilitadas e reconhecidas.

Gostaríamos que, nessa época de desestruturação dos filtros de saber, como por milagre a escola seja capaz de realizar essa simplificação e essa formalização da realidade, no momento em que todos os aparelhos que os suportavam estão fraturados, abalados, pressionados, no mínimo em declínio. O que os sociólogos observam é que a globalização é acompanhada de individuação. O que é abalado é o modo de viver junto, o laço social que existe sob a forma de sujeitos desarticulados, dispersos, e que ao mesmo tempo induz cada um a um dever social e uma exigência subjetiva de invenção.

Trata-se da expressiva fórmula *living my own life* - viver minha própria vida, viver minha vida do meu jeito, precisamente em sua diferença em relação aos outros -, que enfatiza a decadência, o declínio da organização coletiva dos modelos, e que coloca o sujeito diante de uma demanda - que ele retoma por conta própria - de invenção e de valorização do seu estilo de vida individual. Trata-se da época que havíamos chamado "do Outro que não existe", e aquilo que um Bourdier tentou reunir como os mecanismos da distinção, já se referia a outra época. Hoje há uma interferência dos mecanismos da distinção que ele evoca, é um mundo simplificado que ele nos apresenta, o mundo quase de sua infância.

Isso pode ser visto no ensino de Lacan - como ao mesmo tempo isolou e depois questionou o que ele chamava S1, o significante central da identificação. Ele isolou o

significante-mestre em seu matema do discurso do mestre. Esse matema tem como agente central o significante-mestre, que é pré-pósmoderno. Trata-se do discurso do mestre pré-pósmoderno.

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Portanto, primeiro movimento, isolar esse significante central. Entretanto, mal o havia isolado ele o pluralizou, multiplicou, dando a entender na expressão S1 o valor de enxame, para dizer que não existe apenas um. Há vários e nada garante, pelo contrário, que eles sejam outra coisa além de caóticos, mesmo que o enxame se desloque em grupo. Uma constelação de significantes, mais do que uma unicidade do significante-mestre. Ele esboçou, enfim, ao lado desse matema do discurso do mestre, o matema do discurso capitalista, uma modificação deste, no qual é o sujeito barrado que se instala no lugar desse S1.

$$\frac{\$}{S_1}$$

Não se trata aqui tanto de uma promoção da histeria quanto da promoção do sujeito sem referência. Em função dessa máquina original é possível observar, como fazem os sociólogos, a constituição de zonas limitadas de certezas que, em pequena escala, oferecem essas referências.

As bolhas de certeza

Podemos sempre explicar que a estrutura do não-todo é abstrata e que na realidade não é assim que acontece, porque de fato a máquina do não-todo comporta a constituição muito mais insistente de micrototalidades, em que a multiplicação e o próprio investimento dos sujeitos

que nela estão presos traduzem a presença dessa máquina. Micrototalidades que oferecem, no não-todo dos nichos, dos abrigos, certo grau de sistematicidade, de estabilidade, de codificação que permitem restituir o domínio, mas ao preço de uma especialização extrema. É preciso escolher um campo muito restrito de significantes, um campo muito limitado de saber no qual se restabelece um domínio.

Encontrei um exemplo que me parece muito indicativo em um estudo publicado há dois anos, concernindo um fenômeno observado no Japão e chamado "efeito *otaku*". Ele aparece em um artigo que só conheço de segunda mão, por ser bastante difícil de encontrar e que se chama "*The Otaku Answer to Pressing Problems of the Media Society*", "A resposta *otaku* aos problemas prementes da sociedade midiática".

Trata-se do que identificamos no Japão. São sempre categorias que podemos considerar suspeitas, porém não menos indicativas. Concerne um comportamento de adolescentes, ou de adolescentes grandes - aliás, não se sabe mais onde isso para - que se tornam fanáticos por uma zona muito restrita de novas tecnologias. Eles se tornam especialistas completos no que parece um fenômeno completamente fútil da sociedade midiática ou em certos tipos de Manga, de revistas ilustradas, ou ainda em um ídolo, como se diz - ator, manequim, etc. -, ou em uma tecnologia em geral ligada mais ou menos ao computador ou em jogos eletrônicos, sobre os quais eles acumulam um saber tão completo quanto possível, mantendo-se sempre a par dos últimos lançamentos; exceto isso, observa-se então seu completo desinteresse por seus contemporâneos, a ponto de se dizer no Japão que eles não olham nem as pessoas nos olhos. "Um *otaku* prefere ficar só para continuar em paz seu *hobby*. Ele se dedica de forma obsessiva a um só setor de interesse. Os objetos de sua paixão geralmente pertencem à cultura pop". Há também os objetos militares - é o Japão.

"A essência", diz o sociólogo em questão, um tal Grassmuck, "a essência do estilo de vida *otaku* nada tem a ver com um argumento específico, mas está ligada à maneira de se relacionar com um tema." A categoria que parece estar em uso no Japão não é construída tendo como referência o tema de interesse, mas à maneira de se relacionar com esse tema. "O *otaku* tem uma personalidade monomaniaca. Sua estratégia é recolher informações reservadas a uma única seção do saber humano e afastar todo o resto. O *otaku* procura uma pequena zona de conhecimento sobre a qual ele quer saber tudo."

Isso se generalizou para todos os comportamentos induzidos pela sociedade da informação, a sociedade midiática, que consistem em querer saber completamente a cada momento o que é *in* e o que é *out*. Na França também se propagou nas revistas, para indicar o *in* e o *out*, para que se saiba exatamente como se posicionar na multidão.

Não posso julgar a pertinência dessa descrição para o Japão e também é possível considerar que ela não é necessariamente bem construída para o presente estado de civilização na França, mas há de qualquer forma alguma coisa na psicanálise que se deixa conceituar como uma resposta *otaku*. Há alguma coisa do estilo de vida *otaku* nas associações analíticas, nas Sociedades, nas Escolas de psicanálise. Seria mesmo possível dizer que a própria experiência analítica é da ordem da resposta *otaku* - a experiência analítica como busca de certeza, e também porque a própria relação que se estabelece no quadro analítico restitui ao sujeito uma zona de certeza.

A análise trabalha a incerteza, mas é no quadro de uma certeza mais ou menos hipotética - daí a extrema valorização do quadro que se observa na IPA, ao mesmo tempo extrema e indescritível valorização do quadro. Talvez em Lacan seja possível observar a mesma coisa na definição do discurso analítico, que é apresentado como uma

transformação, uma versão do discurso do mestre, ou seja, como uma bolha de certeza à qual o sujeito está ainda mais agarrado pelo fato dela estar mergulhada na estrutura social do não-todo.

É preciso certamente acrescentar que, se a psicanálise é uma bolha de certeza, ao mesmo tempo ela se difunde na sociedade por sua utilização na publicidade e por ter ensinado à política a manipulação da verdade. Ela realmente ensinou aos políticos que a verdade é um efeito, o que deu origem aos *spin doctors*, aos doutores da verdade, aos especialistas em manipulação da verdade. Aliás, foi possível observar muito recentemente na França a extraordinária promoção de um especialista em *marketing*, que se tornou primeiro-ministro - trata-se de uma primeira -, aparentemente escolhido por isso. Da mesma forma, é preciso reconhecer que a maneira como é conhecido o tema da escuta que inunda a psicanálise provém da difusão dessa última.

A psicanálise na época da globalização

Décima reflexão: a psicanálise na época da globalização. Tentemos ver rapidamente como as modificações de nossa clínica na época da globalização se relacionam com essa máquina do não-todo que a animaria.

A clínica clássica, aquela que aprendemos e ensinamos, tinha como pivô o Nome-do-Pai e se distribuía em função das posições do sujeito em relação a ele. Nela se distinguiam as diferentes modalidades do desejo: o desejo insatisfeito, impossível, prevenido, etc., inclusive diferentes modos de defesa. Nossa clínica clássica respondia essencialmente à estrutura da sexuação masculina, à estrutura do todo e do elemento antinômico. É o que nos permitia as classificações estanques, rígidas, poderosas, que fundamentaram a noção do lacanismo por várias gerações.

Digamos que a clínica contemporânea, aquela com a qual lidamos há anos, muda para outra vertente, a do não-todo. Essa clínica do não-todo é aquela em que florescem as patologias descritas como centradas na relação com a mãe, ou ainda centradas no narcisismo, mas que seriam provenientes do registro pré-edípico, quando se dispunha da hierarquia anterior, e que ganharam de qualquer forma sua independência. Qualificar isso de pré-edípico é evidentemente muito limitado.

Quando nos interessamos por tudo que é da ordem das adições, é possível observar clinicamente o frenesi do não-todo, das patologias em que se valoriza precisamente o sem-limite da série. Ao mesmo tempo observamos a menor efetividade da metáfora paterna e a pluralização dos S1, e mesmo sua pulverização de tal forma que, anos depois, reconhecemos a crise de nossas classificações. Tomemos apenas a categoria da perversão, à qual estamos ligados pelo ensino que recebemos e pelo que distribuímos, pelo próprio poder dessa categoria: é importante dizer que se trata de uma categoria que sofre uma rejeição social maciça. Ela é assimilada a um estigma. Não é possível ignorar, na categoria da perversão, que ela faz referência a um nome, que ela pertence ao regime anterior, em que normas e ideais estavam em primeiro plano.

Objetamos, evidentemente - Lacan diz que a perversão é a norma do desejo. Mas são os próprios termos nos quais se baseia o diagnóstico, a própria categoria, que deixaram de ser operatórios. Além disso, Lacan nos indicou outras vias para abordar a clínica contemporânea como clínica do não-todo. Ele nos indicou a via do nó. Não que em si mesmo o nó seja "levitatório", mas ele constitui de fato uma maneira de responder à estrutura do não-todo, pois essa clínica nos apresenta uma série infinita de arranjos a partir de três rodinhas de barbante. O ternário RSI se distingue e se opõe

ao que era a repartição estanque, descontínua entre neurose, perversão e psicose.

Estamos diante de uma combinatória clínica centrada no Nome-do-Pai, para dizer isso resumidamente, cujos estados eram descontínuos, o que nos fornecia categorias distintas. Evidentemente - não que isso seja inválido - localizar a clínica no nó nos fornece sem dúvida arranjos diferentes, mas que estão em continuidade uns com os outros. Perdeu-se a segurança do descontínuo e do estanque, e o resultado é que o sintoma se torna a unidade elementar da clínica e não mais o que se chamava estrutura clínica, que era uma classe. O sintoma é que se torna a unidade elementar da clínica e, enfim, o sintoma, o que Lacan chamou de *sinthoma* no fim do seu ensino, é a versão lacaniana do que é a fragmentação das entidades clínicas no DSM. Não se trata da mesma fragmentação, mas do mesmo movimento de desestruturação das entidades observado na segunda clínica de Lacan.

Operamos inicialmente com uma clínica centrada na identificação. A primeira clínica de Lacan era uma clínica da identificação: na análise, aprendo a contar minha história de maneira verídica, ou seja, elaboro uma identificação que me permite ser verídico. E o fim da análise depende da elaboração satisfatória de uma nova identificação, que passa por uma desidentificação, etc., mas a categoria central é a identificação.

A segunda clínica era centrada na fantasia, ou seja, em uma história, mas dessa vez uma história concebida como cenário inconsciente e centrada na relação do sujeito com o núcleo de gozo que cobre sua falta constitutiva.

Pois bem, a última clínica de Lacan tem como termo pivô o sintoma e nessa clínica o absoluto, a substância, é o gozo. Retomando a referência a Spinoza que eu havia feito no início, trata-se realmente de *Deus sive natura, sive gozo*. Ou seja, há apenas o gozo, em detrimento da verdade e

do sentido. Nesse momento, não se trata mais de cura no fim da análise, não se trata mais de travessia, mas apenas da passagem de um regime de gozo a outro, de um regime de sofrimento a um regime de prazer.

É possível descobrir o que ocorre com os psicanalistas na época da globalização a partir do passe. Se o traduzimos como o que coloca em cena a máquina do não-todo, o passe significa ser levado a fazer uma desconexão entre ser um analista e a prática do analista. Era preciso que aqueles que Lacan queria consagrar como Analistas da Escola fossem da Escola, por se tratar de uma definição do analista independente da prática analítica e que tenta resolver com isso o problema de preservar o núcleo analítico da prática em um mundo em que o analista tende a se dissolver na prática assistencial.

É certamente nesse contexto que é preciso pensar a formação analítica. Ao mesmo tempo, esta se revela difícil de determinar porque daí em diante é preciso pensá-la fora de todo ideal a ser atingido, fora da própria problemática do ideal e da norma. Conseqüentemente, a formação tende a ser apreendida mais como a comunicação de um estilo de vida do que como um acesso à realização de um ideal.

Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa

¹ "A orientação lacaniana", curso no Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, realizado em 22 de maio de 2002. Texto estabelecido por Marie-Hélène Doguet-Dziomba e Nathalie Georges, publicado com a amável autorização de J.-A. Miller.